



Raízes da liberdade: vivências socioambientais com mulheres em privação de liberdade através do projeto Mulheres Empreendedoras e Líderes (MEL/UFPR) MEL¹

Maria Rita Taques Michalski²

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

<https://orcid.org/0000-0002-3667-124X>

Alessandra Suota Slaga³

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

<https://orcid.org/0009-0005-9699-7486>

Luiz Panhoca⁴

Fundação Manfred Max Neef Brasil (FMM-Brasil)

<https://orcid.org/0000-0002-0839-1611>

Resumo: O artigo apresenta padrões de justificativas e detalha dados e percepções do processo de construção da oficina de uma horta orgânica na Jornada de Desenvolvimento de Mulheres privadas de Liberdade vinculada ao projeto MEL. Utilizando-se da Pesquisa-Ação, se trata do relato de um projeto típico de extensão, o método utilizado não foi desenvolvido “a priori” sobre as tradições de pesquisa qualitativa, mas sim a elaboração deste artigo, para descrever a avaliação do rigor ou para articular as justificativas para o uso de determinados procedimentos. Este tópico articula o processo de desenvolvimento e suas considerações e apresenta os padrões de relato que foram gerados a partir da pesquisa-ação.

Palavras-chave: Sociambiental. Extensão Universitária. Educação ambiental. Mulheres privadas de liberdade. Tecnologia Social.

Raíces de la libertad: vivencias socioambientales con mujeres en privación de libertad a través del proyecto MEL

Resumen: El artículo presenta estandares de justificación y detalla datos e ideas del proceso de desarrollo de un taller de huerto orgánico en la Jornada de Desarrollo para Mujeres Privadas de Libertad, vinculada al proyecto MEL. Utilizando la Investigación-Acción, este es un informe sobre un proyecto de extensión típico. El método empleado no se desarrolló a priori con base en las tradiciones de la investigación cualitativa, sino

¹ Recebido em: 22/07/2025. Aprovado em: 09/10/2025.

² Mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável pela Universidade Federal do Paraná, Coordenadora da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP/UFPR. mariarita@ufpr.br

³ Graduanda em Agronomia pela Universidade Federal do Paraná, Técnica em agropecuária pelo Centro Estadual de Educação Profissional Agrícola da Lapa, Bolsista no projeto MEL/ITCP.

⁴ Pós Doutor em Geografia, Doutor em Controladoria e Contabilidade.

que el desarrollo de este artículo tuvo como objetivo describir la evaluación del rigor o articular las justificaciones para el uso de ciertos procedimientos. Esta sección articula el proceso de desarrollo y sus consideraciones, y presenta los patrones de presentación de informes generados a partir de la investigación-acción.

Palabras-clave: Socioambiental. Extensión universitaria. Educación ambiental. Mujeres privadas de libertad. Tecnología social.

Roots of freedom: socio-environmental experiences with women in deprivation of liberty through the MEL project

Abstract: This article presents justification patterns and details data and insights from the process of developing an organic garden workshop at the Development Journey for Women Deprived of Liberty, linked to the MEL project. Using Action Research, this is a report on a typical extension project. The method used was not developed a priori based on qualitative research traditions, but rather, the development of this article aimed to describe the assessment of rigor or to articulate the justifications for the use of certain procedures. This section articulates the development process and its considerations and presents the reporting patterns that were generated from the action research.

Keywords: Socio-environmental. University extension. Environmental education. Incarcerated women. Social technology.

INTRODUÇÃO

Este tópico apresenta padrões adotados, suas justificativas e detalha as maneiras pelas quais os dados e percepções foram registrados. Se descreve como os padrões foram usados pelos autores no processo de construção da oficina de horta orgânica na Jornada de Desenvolvimento de Mulheres privadas de Liberdade vinculada ao projeto MEL, sensível às tradições no campo, e apresenta a complexidade de abordar um grupo que têm linguagem e suposições e características variadas.

Como este artigo trata de um relato de um projeto típico de extensão, o método utilizado foi a Pesquisa-Ação, para descrever a avaliação do rigor ou para articular as justificativas para o uso de determinados procedimentos. Este tópico articula o processo de desenvolvimento e suas considerações e apresenta os padrões de relato que foram gerados a partir da pesquisa-ação.

A condução da pesquisa-ação adotada teve raízes multidisciplinares na composição da equipe, nos objetivos, temática e efetivação das ações nas oficinas e nas trocas dialógicas (Giorgi, 2009; Glaser e Strauss, 1967). Os temas emergentes que originaram as ações têm base em um processo iterativo de descobertas em evolução, tipicamente como impulsionado pela indução (Wertz, 2010), e acompanhamento durante a realização das

ações pela análise das descrições subjetivas das experiências como dados legítimos para análises.

Um processo iterativo de inferências decorrentes da análise de dados e retroalimentação dos atores identifica padrões ligados a instâncias de um fenômeno e, em seguida, desenvolvendo um senso de todo o fenômeno conforme informado por esses padrões (APA, 2022), a partir dos operadores de inteligibilidade, o princípio dialógico, o princípio da recursão organizacional e o princípio hologramático. Como justificativa dessa metodologia argumenta-se que “ver o padrão” pode mudar a maneira como o todo é entendido, assim como ver um padrão no contexto de todo o fenômeno pode mudar a maneira como ele é entendido (APA, 2022). Esse círculo hermenêutico, ou seja, o processo de interpretação em que o significado de um texto ou fenômeno, é compreendido através de suas partes (palavras, frases, acontecimentos), e, inversamente, o significado das partes só é entendido à luz do todo, ou seja ainda, coloca-se em questão a unidade dinâmica indivíduo/sociedade postulada pelo materialismo histórico-dialético, trazendo subsídios para a superação das cisões usualmente estabelecidas entre os pólos dessa relação, que contém processos inferenciais fundamentais na investigação qualitativa, centram-se na interpretação e na busca por significado, através da análise indutiva que gera um circuito virtuoso autocorretivo, à medida que novos dados são analisados, sua análise corrige e refina os achados existentes (Cristóvão, Ferrão, Madeira, Tibério, Raíño, Teixeira, 2009).

Os conjuntos de dados qualitativos, ao longo do projeto MEL foram os participantes e incluem descrições ricas, detalhadas e fortemente contextualizadas de cada fonte, descritas em diversos relatórios. Análises intensivas, com intuito de valorizar os participantes sobrepõem a descoberta aberta e a verificação de hipóteses, enfatizam histórias ou configurações específicas em que as experiências ocorrem, em vez de esperar que as descobertas perdurem em todos os contextos (APA, 2022). As análises derivam de uma diversidade de pressupostos filosóficos, disciplinas intelectuais, procedimentos e objetivos (Gergen, 2014; Gergen; Josselson; Freeman, 2015). Além disso, se usa formas variadas de linguagem para detalhar processos e descobertas, o que complica o desenvolvimento de padrões uniformes de relatórios. Como um projeto inovador, as abordagens assumiram múltiplas formas em virtude de mudanças nos pressupostos filosóficos ou na evolução de seus procedimentos.

O desenho qualitativo utilizado para alcançar os objetivos do Projeto Mulheres Empreendedoras e Líderes (MEL/UFPR), foi dar voz e opções de atuação e renda a populações historicamente desfavorecidas cujas experiências podem não estar bem representadas na literatura de pesquisa e desenvolver entendimentos iniciais em uma área menos explorada (Creswell, 2013).

Abordagens qualitativas adotadas incluem um estilo narrativo de relato, no qual o esforço de pesquisa é apresentado como uma história organizada de forma temática ou cronológica, não sendo possível separar um determinado achado de seu significado interpretado dentro do quadro mais amplo da análise. A preocupação maior foi com a forma como suas expectativas e suposições influenciaram o desenrolar de cada ação.

Se utilizou de estilos de relato que tornam evidentes as influências dos pesquisadores na coleta e análise de dados (Morrow, 2005; Rennie, 1995), a preferência pelo uso de narrativas pessoais e em primeira pessoa para transmitir as posições e experiências dos atores, dado que a ampla gama de abordagens, não possibilita a descrição de como os relatos podem ser adaptados a cada abordagem o que pode influenciar o relato da coleta, análise e ética de dados.

A coleta de dados geralmente envolveu processos de autorreflexão e explicitação de como os valores dos pesquisados orientaram ou limitaram a formação de questões analíticas. Em todas as abordagens se adotou um padrão de transparência, na tentativa de aumentar a integridade metodológica (Levitt et al., 2017; Rennie, 1995).

Segundo Harding (1992) e Hernández, Nguyen, Casanova, Suárez-Orozco e Saetermoe (2013) a partir de se reconhecer o próprio ponto de vista e posicionamento em relação ao tema da pesquisa e à população em estudo tenta-se aumentar a credibilidade apontando simultaneamente a sua inserção contextual e o papel no processo interpretativo.

A mudança de procedimentos e o contato interpessoal extensivo com os participantes requer reconsideração contínua da ética (Haverkamp, 2005).

A ação do projeto MEL se concentra em experiências, ações e processos sociais humanos, que flutuam, não se buscam leis naturais (tempo, lugar e cultura) mas desenvolver descobertas que estejam ligadas aos seus contextos. A relação dos pesquisadores com o tema do estudo, com seus participantes e com os compromissos ideológicos relacionados pode ter influência no processo de investigação, os métodos são

muitas vezes idiossincráticos adaptados para se adequar a um problema em questão (Creswell, 2013; Morrow, 2005; Ponterotto, 2005).

A confiabilidade é baseada nos julgamentos dos atores e sua capacidade de ser apresentada no grupo MEL e a tentativa da integridade buscada por dois processos compostos: fidelidade ao assunto e utilidade no alcance dos objetivos. A fidelidade ao assunto é a observação do fenômeno como uma construção social e a utilidade no alcance dos objetivos na adequação dos dados transparentes e enraizados em dados que os sustentam.

Reconhecemos que nossa linguagem inevitavelmente carrega implicações filosóficas (descobrimos, entendemos ou co-construímos descobertas?). Dito isto, temos trabalhado para gerar recomendações substantivas que são congruentes com, e aumentariam a comunicação de métodos qualitativos quando importados dentro de uma gama diversificada de abordagens.

DESENVOLVIMENTO

As desigualdades regionais acontecem em função de questões estruturais históricas, e são enfrentadas com políticas de desenvolvimento exógeno, onde a preocupação do Estado é apoiar e desenvolver a infraestrutura necessária para o aumento da capacidade produtiva e geração de crescimento econômico do país (Silva et al., 2015).

Conforme nos pontua Krenak (2020), no pano de fundo dessas desigualdades está a sua gênese, o que não se considera da natureza humana, a natureza, a natureza humana que não só considerada fora da natureza humana, mas que mesmo fora dela está desaparecendo, epidemias, pobreza, fome, violência dirigida.

Aquelas camadas do que ficou fora da gente como “natureza” [...] tem alguma coisa dessas camadas que é quase-humana: uma camada identificada por nós que está sumindo, que está sendo extermínada da interface de humanos muito-humanos. Os quase-humanos são milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida ... sem que fosse pensada uma ação de eliminar aqueles povos ... para os povos que receberam aquela visita e morreram, o fim do mundo foi no século XVI (Krenak, 2020, 73).

Esses são os valores hoje evocados diante da maior crise que a humanidade talvez tenha vivido, a crise da sua própria essência. Ela acredita que a essência humana se traduz em noções como cuidado, amor, procura, pertença, integração, interconectividade, afeto, ternura ... essa compreensão da ética é, sobretudo, uma afirmação da capacidade humana para além dos requisitos morais racionalizados. Ela parte de uma fé no ser humano. Este tipo de ética está na raiz da condição humana e precede qualquer elaboração racional de regulamentos, padrões ou normas morais (Oliveira; Borges, 2008). Oliveira (2023) destaca a utopia do progresso e o fato de que a modernidade são ilusões que perderam seu valor devido ao desgaste do tempo.

Como nos dizia Gil (1984, p. 1), “A raça humana é a ferida acesa, uma beleza, uma podridão, o fogo eterno e a morte, a morte e a ressurreição ...” Nos fica a dúvida se tecnologias e boa vontade social seriam suficientes para quebrar esse ciclo vicioso que nos fala Krenak (1984), epidemias, pobreza, fome, violência, e uma ética do futuro conforme Oliveira e Borges (2008) e a ética do futuro de Hans Jones, conforme nos ensina Oliveira (2023).

É por meio das Tecnologias Sociais (Dagnino, 2010), que a prática de empoderamento social surge como forma de proporcionar uma melhoria na qualidade de vida de comunidades vulneráveis (Silva et al., 2015).

A expectativa, segundo Dagnino (2010), é que aqueles com os quais buscamos interlocução, os que se identificam com o projeto de construção de uma sociedade mais justa, igualitária e ambientalmente sustentável, percebam, que a exploração e disseminação das ações do projeto Mulheres Empreendedoras e Líderes (MEL), ofereçam uma possibilidade de inflexão no longo processo de desenvolvimento das ideias subjacentes se disponham a buscar aliados, no campo das políticas públicas, ações pessoais e institucionais, capazes de materializar, com força política que possuem, suas propostas que hoje ainda se limitam ao discurso de uma forma geral.

Em 1998, inspirada por experiências anteriores na UFPR e gestada com sensibilidade pela Pró-reitora de Recursos Humanos, nasceu a primeira edição da Jornada de Desenvolvimento Pessoal, doravante Jornadas, com foco no bem-estar dos servidores do Hospital de Clínicas. Coordenada tecnicamente pelo professor e médico psiquiatra Irineu Michalski, a Jornada foi pensada como um espaço de pausa e acolhimento, onde os

profissionais pudessem refletir sobre si mesmos, seus sentimentos, seu corpo, sua história e sua missão de vida — dentro e fora da instituição.

Entre 1998 e 2002, diversas turmas passaram pelo processo da Jornada no Hospital de Clínicas da UFPR. Os relatos dos participantes se tornaram, eles mesmos, o grande resultado, pessoas emocionadas com a possibilidade de serem vistas e escutadas como seres integrais, muitas relatando alívio de sintomas psíquicos, fortalecimento de vínculos familiares, melhora na comunicação no ambiente de trabalho e até reencontros com sonhos antigos abandonados. A Jornada foi além de um projeto pontual: passou a ser vista como uma política de cuidado.

O projeto MEL foi inspirado na concepção de “Laboratório de Sensibilidade”, conforme proposta por Serge Moscovici (1980), o projeto estrutura-se em encontros com grupos reduzidos, mediados por um coordenador-mentor, com o objetivo de investigar as dinâmicas internas dos participantes, as interações grupais e os padrões de comportamento pessoais. Esse processo, por sua natureza filosófica e experiencial, busca desencadear transformações conscientes no modo de ser e agir dos indivíduos.

A Jornadas foi o embrião gerador do MEL que é um projeto de extensão da Universidade Federal do Paraná (UFPR) feito por mulheres, para mulheres (outros gêneros são bem-vindos). O projeto integra a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP UFPR) e está vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC). O projeto original de Maria Rita Taques Michalski, estabeleceu articular uma rede de todas aquelas que se identificam como mulheres, iniciado em 2019, seguido de inúmeras ações e iniciativas.

O primeiro encontro aconteceu na sala de reuniões da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A partir daquele momento, a troca de experiências se tornou algo essencial, quase como um ritual. Cada reunião revelava histórias tocantes. Essas interações se tornaram um pilar fundamental, onde as participantes encontraram um espaço não apenas para falar, mas para ouvir e ser ouvidas.

A Jornada e o MEL, no corpo do Projeto de extensão na UFPR se tornou um refúgio para muitas mulheres, egressas do sistema prisional, proporcionando um ambiente acolhedor onde cada uma delas se sente segura para compartilhar suas experiências e angústias, possibilitando a essa comunidade refletir sobre seus problemas e buscar soluções para as suas próprias demandas. É embarcar em uma travessia repleta de histórias

inspiradoras, reflexões profundas e desafios superados, um espaço onde a luta das mulheres por liberdade, dignidade e reconciliação com suas histórias, suas incessantes batalhas contra as opressões, que sempre tentaram silenciar suas vozes; elas ensinaram que, mesmo nos momentos mais sombrios, na esperança, podem brilhar intensamente.

A articulação para a constituição das Jornadas até a conquista dos resultados do projeto e da rede MEL é uma conjunção de esforços e de apoios ao empoderamento feminino, um mosaico de Histórias pessoais que tocam o coração e fazem lembrar que por trás de cada desafio, há uma irmã, uma amiga, uma parceira em luta.

A trajetória das Jornadas, constantemente ressignificada, revisitando seu papel como protagonista da experiência e reconhecendo as transformações vividas ao longo da construção do projeto. A partir dessa escuta ativa e troca constante, o trabalho adquiriu um caráter ampliado, buscando democratizar o saber gerado e compartilhar referências que possam inspirar a criação de novos projetos formativos voltados à transformação humana.

É importante ter a ideia de que diferentes modos de ação e reflexão frente ao fenômeno grupo são assumidamente controvertidos na dicotomia entre indivíduo e sociedade, entre partes e todo, conforme o olhar do observador, indivíduo ou grupo desaparecem, abrindo-se um intransponível abismo mental entre os fenômenos sociais e individuais (Cristiane; Seminotti, 2006).

GÊNESE E EVOLUÇÃO TEÓRICA

O Jornadas, pode ser analisado e segue alguns pressupostos fundamentais de teorias da sociologia, e seu sucesso e longevidade pode ser refletido a partir de imperativos epistemológicos apontados em teorias sociais a partir de Morin e outros pensadores.

A compreensão do Jornadas, na tentativa de entendimento desse determinado fenômeno, envolve todas as facetas que compõem a condição humana: biológica, psíquica, social, afetiva e racional, comportando sabedoria e loucura, o prosaico e o poético, firmando o que Morin (1977) denomina de *homo complexus* e que o resultado das ações é contemplado por um paradigma determinante da promoção/seleção dos conceitos-mestres da inteligibilidade e as operações lógicas-mestras, desempenhando um papel, ao mesmo tempo subterrâneo, pois funciona de modo inconsciente e soberano por controlar o pensamento consciente, e, caracterizando como supra consciente (Morin, 2013). Enfim, o

paradigma, as estruturas de pensamento, inscritas culturalmente nos seres humanos, comandam inconscientemente seu modo de conhecer, pensar e agir.

Como, na posição de observadores da prática educativa, podemos nos “ver”, de um lado, como sujeitos que intervém e, de outro, como observadores dessa mesma prática na qual somos partícipes. Nossos “olhos” de observadores são construídos com base em nosso repertório cultural e, de maneira especial, no agora e neste lugar onde estamos: neste nosso imediatismo, a recusa da espera. Carregamos marcas de nossas vidas, de nossas sociedades, do que está influenciando mais fortemente nossa maneira de interpretar e de sentir. Ou seja, para compreender nosso próprio entendimento, precisamos saber (ou procurar saber) o que de nós, de nossos preconceitos, de nossos paradigmas e de nossos valores está determinando nossa maneira de ver. Só assim teremos oportunidade de saber melhor de onde e de que tempo estamos pensando, falando para propor ações (Lolieri, 2009).

Como o projeto extensionista em sua origem não há hipótese científica, mas versões, conforme o “aqui” e o “agora” de nossas possibilidades interpretativas. Entretanto não ter nada como definitivamente definitivo, mas, ao mesmo tempo, ter constatações que Morin (1998, 2013) talvez dissesse que o contraditório habita o real e, portanto, a nossa maneira de concebê-lo.

Esse é o novo “problema-chave” que, segundo (Morin, 1998, p.186). pode aparecer sem mais nem menos: o problema da contradição. O princípio da não-contradição, próprio da lógica clássica, não se aplica na análise deste projeto MEL, e de vários fenômenos. O diálogo com a contradição torna-se necessário para que possamos entender o Jornadas e o MEL e o seu contexto ou “conceber” como, mais uma vez, não tratamos de uma pesquisa, mas, de um relato real. Para conceber e não para conhecer “definitivamente de verdade”, é preciso aceitar o limite de nossa compreensão. No entanto, temos de estar sempre em busca da “melhor concepção”, ainda que não sabendo bem qual é. Esse processo, por certo, é um grande desafio a ser enfrentado nos debates sobre a melhor forma de buscar o conhecimento e, no campo da ação do projeto MEL, vai além e envolve o enfrentamento fundamental.

Buscamos enquadrar epistemologicamente o projeto MEL como uma base da discussão da formação e da continuidade da ação desenvolvida, analisada “post facto” a partir de Edgard Morin, Pascal Moliner, e Paul Singer, e como uma de suas bases a Teoria

das Representações Sociais. A ação desenvolvida no MEL tem como uma de suas bases teóricas a Teoria das Representações Sociais.

O sucesso e a longevidade do Jornadas e do MEL devem-se ao seu ciclo de criação e de renovação constante. No contexto do pensamento complexo de Edgar Morin, não é um processo linear, mas sim um ciclo dinâmico e interconectado, envolvendo ordem, desordem, interação e (re)organização (Morin, 1977). Ele enfatiza a importância de considerar a complexidade da realidade, onde a razão e a emoção, a ordem e a desordem, a parte e o todo estão intrinsecamente ligados. O ciclo não é um caminho único, mas sim um processo contínuo de reflexão, adaptação e inovação, onde a busca por soluções e a aceitação da incerteza são cruciais (Morin, 1977).

Como pressuposto teórico de concepção podemos afirmar que o MEL está em consonância a Bergson cujo princípio é uma crítica às formas de determinismo e “coisificação” do homem, uma afirmação da liberdade humana frente as vertentes científicas e filosóficas e, na afirmação da possibilidade do real ser compreendido por meio da intuição da duração, é preciso partir da intuição da duração (Bergson, 1971).

O ciclo de criação dos projetos não foi um processo linear e sim recursivo, as etapas se retroalimentaram, conhecimentos adquiridos e suas reflexões influenciaram as ações subsequentes, criando um ciclo de aprendizado contínuo (Morin, 2007).

Enfim, o paradigma, as estruturas de pensamento, inscritas culturalmente nos seres humanos, comandam inconscientemente seu modo de conhecer, pensar e agir.

Este artigo deve ser interpretado como Santos (2002) sugere, uma epistemologia disjuntiva dos pares antagônicos, que contemple a vocação social da ciência, propicie o conhecimento de uma vida decente e capaz de possibilitar transformações no mundo social, mediante uma transgressão metodológica e afastar as fronteiras das disciplinas compartimentadas.

Descartamos nesta análise a possibilidade de Jornadas e do Projeto MEL serem um autêntico exemplo da Economia Solidária, uma vez que, em entrevista Singer (2008, p.9) definiu economia solidária “como um modo de produção, que se caracteriza pela igualdade”, e apontou como imperativo, a igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica e a autogestão coletiva democrática, não há nenhuma distinção importante de funções, todos “fazem o que

precisa ser feito”. Assim sendo, Jornadas e MEL são geradores de ações e projetos de Economia Solidária, mas em si, não o é.

TENTATIVA DE UM ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

A integridade metodológica, é buscada pela consciência crítica, envolvimento teórico, aprofundamento e a compreensão, identificação de práticas sociais, formatação de estruturas conceituais e desenvolvimento do conhecimento local.

As muitas estratégias de coleta de dados adotadas ao longo das ações do projeto MEL, especialmente nas Jornadas de Desenvolvimento, incluem pesquisas de arquivo, grupos focais, entrevistas, observação etnográfica, trabalho de campo, pesquisas de mídia e anotações reflexivas. As estratégias analíticas de dados foram combinadas em resposta aos objetivos específicos do projeto MEL (Denzin; Lincoln, 2006; Kuckartz, 2014; McLeod, 2011).

A fidelidade e a utilidade são avaliadas temporalmente recorrentes, em relação ao projeto geral do MEL, buscando a ação de participantes, recrutamento, estratégias de coleta de dados, estratégias analíticas de dados, procedimentos usados para verificar os resultados, verificação pelos membros, formulação de questões de pesquisa e a articulação de implicações (Levitt et al., 2017).

O entendimento e a análise do ambiente social a partir de Edgard Morin, a categorização confrontando o Jornadas e o MEL com a Teoria das Representações é uma análise ex -post facto. Ex post facto (ou causal-comparative) investiga as diferenças entre os grupos, para estabelecer relações de causa e efeito. A pesquisa ex post facto examina as diferenças existentes entre os grupos. Este artigo fornece impressões bem como abordagens não experimentais (Rohwer, 2022; Christensen; Johnson; Turner, 2014). Os grupos relacionados a este artigo são todos oriundos ou originários do MEL e suas ações e sua difusão do conhecimento.

O estudo da difusão do conhecimento, a relação entre pensamento e comunicação, e a gênese do senso comum, formaram os elementos de um novo Programa que se tornou conhecido hoje e que também foi verdade para Serge Moscovici, que deu à teoria das representações sociais (Moscovici, 1961) e a teoria da influência das minorias de Moscovici e Lage, (1976). Segundo Moliner (2020) ao fazê-lo, se inspira no antigo

conceito de "representações coletivas" proposto em 1898 pelo sociólogo francês Emile Durkheim.

Para Durkheim, o objetivo é claro: o pensamento coletivo deve ser estudado em si e para si, fenômenos da sociedade. Ele o definiu por uma dupla separação. Em primeiro lugar, as representações coletivas são separadas das representações individuais, as representações individuais têm a consciência individual como substrato, enquanto as representações coletivas encontram seu fundamento em toda a sociedade (Moliner, 2020).

Tais representações são, portanto, homogêneas e compartilhadas por todos os membros da sociedade. Sua função é preservar o vínculo que une as pessoas, prepará-las para pensar e agir de maneira consistente, a ponte entre o mundo individual e o social, para então associá-la à perspectiva de uma "sociedade em mudança..." (Moscovici, 1989. p.82).

Moscovici argumenta que as representações não são produtos da sociedade como um todo, mas sim os produtos dos grupos sociais que compõem essa sociedade. Por outro lado, ele está focado nos processos de comunicação, que se acredita explicarem o surgimento e a transmissão das representações sociais. Não há separação entre o universo "externo e o universo interno de um indivíduo ou de um grupo" (Moscovici, 1969. p.9).

Para Moscovici e Zavalloni (1961, p.27), "[...]" a representação é um corpo organizado de conhecimento [...] descreta como um conjunto de elementos (informações, opiniões, crenças) entre os quais os indivíduos estabelecem relações, fazem representações sociais como estruturas cognitivas.

Quando Moscovici (1961) formulou sua teoria, argumentou que o surgimento do consenso é facilitado pelo fato de os indivíduos ao tratarem as informações, focam em um aspecto particular de acordo com as expectativas ou orientações do grupo (o fenômeno do 'foco') e postulou a "objetivação" que se refere à maneira pela qual um novo objeto, por meio da comunicação sobre ele, será rapidamente simplificado, fotografado e esquematizado do objeto. São extraídas de seu contexto e classificadas de acordo com critérios culturais (nem todos os grupos têm igual acesso à informação sobre o objeto) e critérios normativos (apenas o que corresponde ao sistema de valores do grupo é preservado) e a "ancoragem" completa o processo de objetivação. Ele explica como o novo objeto encontrará seu lugar no sistema pré-existente de pensamento de indivíduos e grupos.

As chamadas abordagens "monográficas" e "qualitativas" para a coleta e análise do discurso e das práticas (técnicas etnográficas, inquéritos sociológicos, análises históricas,

entrevistas em profundidade, grupos focais, análises do discurso, análises documentais, técnicas de associação verbal, e outros) constituem a principal base metodológica do trabalho realizado neste contexto (Kronberger; Wagner, 2000).

CONCLUSÃO

Construído ao longo de um período de 12 anos, no impulso do momento ou de oportunidades, esta realização se refere a pessoas. As ideias aqui reunidas dificilmente poderiam diferir mais entre si, e não é difícil imaginar como poderiam protestar, se tivessem participado da escrita deste texto, as pessoas que participaram da Jornada. As ideias aqui apontadas são contemporâneas, embora pertencendo a gerações anteriores diferentes. Cremos que o tempo histórico está presente em todo o texto e a motivação é apresentar uma reflexão pelo melhor e pelo pior, o que nos parece e o que poderão despertar a dissipaçāo de sombras que as opções da avaliação socioambientais atingem quando o suporte é desconhecido ou mal aplicado. Nada disso é novo, mas é um caminho que não se encerra nem chega a um final feliz, o fato gerador é recorrente, as desigualdades e as fomes continuam a desafiar.

Todo o conhecimento pode ser empregado para manipulação e que o pensamento complexo leva a uma ética da solidariedade e da não coerção, uma ciência com consciência (Morin, 2013).

Tal postura epistemológica confronta-se com o pensamento disjuntivo e disciplinar da ciência moderna fundada em métodos que não permitem a percepção das partes e do todo em suas múltiplas relações e complexidades, mas sim residem em visões dicotomizadas do mundo, com pares antagônicos, natureza e cultura, sujeito e objeto, universal e particular. As ações se reproduzem segmentando a complexidade da realidade multidimensional conforme a urgência e prioridades demandadas.

Essa forma de conhecer e regular é exemplificativa da crise paradigmática que perpassa a epistemologia científica disjuntiva estruturada ao longo da modernidade, voltada para o progresso e a ordem do mundo moldado no princípio fundante da causalidade que tem por objetivo a intervenção no real, que se amplia com a politização da ciência (Pozzi, 2010).

Podemos citar, conforme Santos (2002), um novo paradigma supera a epistemologia disjuntiva dos pares antagônicos, e contemple a vocação social da ciência,

que propicie o conhecimento de uma vida decente e capaz de possibilitar transformações no mundo social, mediante uma transgressão metodológica e afastar as fronteiras das disciplinas compartimentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a origem das Jornadas e da Rede MEL até o ambiente atual dos projetos e ações, há um testemunho tocante da força e da resiliência feminina. Criadas e continuadas por um grupo de mulheres visionárias que enfrentaram suas próprias batalhas, a Jornada surgiu como um farol de esperança e empoderamento. Cada uma das idealizadoras carrega consigo uma história única, repleta de desafios, superações e momentos de reflexão que as uniram em torno de um propósito comum: criar um espaço seguro onde mulheres pudessem se apoiar e crescer juntas.

Essas mulheres – com suas nuances e diferenças – não eram apenas participantes, mas sim alicerces dessa nova jornada para mulheres que foi oferecida no complexo Social em 2021. Elas perceberam que podiam se ajudar mutuamente, compartilhar o peso de suas experiências e, acima de tudo, contribuir para o empoderamento de cada uma, como se as conquistas individuais reverberassem como um eco poderoso dentro da rede. As histórias de dor e alegria entrelaçavam-se numa tapeçaria vibrante de apoio e solidariedade.

Todo encontro era um novo começo, onde cada conversa era uma oportunidade para compartilhar vulnerabilidades, celebrar conquistas e, quem sabe, até lidar com frustrações.

Com isso, a Rede MEL começou a se expandir, atraindo mais mulheres e criando um mundo onde a solidariedade se tornou a regra. Não era apenas sobre apoio; era sobre a real transformação que ocorria em cada uma, a metamorfose pela troca de experiências, a descoberta de que juntas poderiam superar qualquer desafio.

Além disso, o conceito de responsabilidade de Jonas e os textos de Oliveira nos remetem à ação coletiva se torna ainda mais evidente quando consideramos as comunidades. Conforme relatos colhidos nas oficinas dos projetos, às vezes, em meio ao corre-corre do dia a dia, nos esquecemos de quão impactante pode ser uma ação coletiva. Imaginemos um grupo de mulheres se reunindo para criar uma horta comunitária. Não é apenas sobre cultivar alimentos; é sobre cultivar laços. Cada plantinha que brota é uma metáfora para o que podemos construir juntas – um espaço seguro, produtivo e que nutre

tanto o corpo quanto a alma. Este ato de cuidar do ambiente se reflete na autoestima e na confiança de cada participante. A transformação começa a acontecer não só na terra, mas nos corações. Conectar-se com a natureza atende a uma necessidade humana fundamental. Ao promovermos essa conexão em nossos lares e comunidades, talvez estejamos oferecendo um antídoto para a ansiedade crescente de nosso tempo.

Edgar Morin, permite a análise e o planejamento do todo (pensamento estratégico) e o pontual, com extrema clareza de linguagem e argumentação algumas de suas concepções sobre o processo educacional que soam como um manifesto para mudar a educação, se trata, sem dúvida, propositivo e adequado, seguindo experiência e avaliação dos autores do artigo.

Paul Singer, nos proporciona uma análise do que não é o Jornadas. Jornadas e Mel não são economia solidária, A economia solidária é um conjunto de práticas econômicas baseadas na cooperação, autogestão e solidariedade, onde os participantes trabalham juntos para produzir, distribuir e consumir bens e serviços. Ela se distingue do modelo tradicional por priorizar a distribuição justa dos resultados, o respeito ao meio ambiente e o desenvolvimento comunitário. Nesse sentido, Jornadas e MEL são potencializadores de Economias Solidárias, em diferentes propostas e ações com diferentes focos com a finalidade de gerar renda para a comunidade.

É importante lembrar que uma horta comunitária pode ser entendida como uma potencialidade de mobilização de pessoas, ela permite integração de pessoas e possibilita que as necessidades de um grupo de pessoas sejam socializadas e atendidas nas conversas, desafios individuais, a possibilidade de constituição de grupos de auxílio mútuo, a promoção da saúde através de alimentos orgânicos e nutritivos, e a contribuição para a segurança alimentar e, a qualidade do ambiente.

A Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici estudou-se o conhecimento comum e as crenças compartilhadas e construídas em grupos sociais, investigando como o conhecimento, atitudes práticas são formados e transformadas por meio da interação social e da comunicação.

O Jornadas, o projeto MEL, as ações como as hortas comunitárias como no presídio feminino, foram apresentadas, focando a base da formação e sua continuidade da ação desenvolvidas a partir de Edgard Morin, Paul Singer e a ação desenvolvida tem como uma de suas bases teóricas a Teoria das Representações Sociais e.

Podemos sumariar que deste lado do Sul, principalmente em países latinos e sul-americanos (especialmente México, Brasil, Argentina e Venezuela), a teoria das representações sociais encontrou enorme espaço para expansão desde a década de 1990. O impacto dos contextos sociais, históricos e culturais na formulação dos problemas científicos latino-americanos é um fator importante para esse sucesso. Pesquisadores em psicologia social descobriram o pensamento criativo, reflexivo e crítico em resposta a transformações e crises políticas, econômicas e sociais. Hoje eles estão ativamente envolvidos no desenvolvimento da teoria das representações sociais, vinculando-a a outras questões psicológicas e sociais, como memória social ou processos de mudança social.

Como sugestões de estudos futuros destacamos: (1) uma discussão aprofundada das tecnologias sociais mencionadas neste artigo de forma subliminar, os autores acreditam que uma discussão mais atenta das tecnologias sociais, além de amplamente divulgadas por Dagnino e outros, teria que levar em conta o fato de que Latour classificaria a horta comunitária como uma "tecnologia social" por ser uma solução prática e de baixo custo que transforma problemas; (2) a possibilidade de análise, apresentação e divulgação para o universo de depoimentos durante os anos do projeto, das participantes. Ser um livro, ou objeto de análises de discursos e conteúdos, e outros, engrandeceria enormemente a divulgação e o entendimento do projeto como um todo e nos detalhes.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). **Manual of the American Psychological Association.** 7. ed. APA 7. ed. Washington, DC: APA, 2022 DOI: 10.1037/000016S-000.

BERGSON, H. **A evolução criadora.** Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971.

CHRISTENSEN, L. B.; JOHNSON, B. R.; TURNER, L. A. **Research Methods, Design, and Analysis.** 11. ed. London: Pearson Education, 2014.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design:** choosing among five approaches. Thousand Oaks, CA: Sage.

CRISTIANE, M. A.; SEMINOTTI, N. O grupo e o paradigma da complexidade em Edgar Morin. **Psicologia USP**, v. 17, n. 2, p. 135-155, Jun. 2006. DOI: 10.1590/S0103-65642006000200006.

CRISTÓVÃO, A.; FERRÃO, P.; MADEIRA, R.; TIBÉRIO, M. L.; RAÍNHO, M. J.; TEIXEIRA, M. S. Circles and Communities, Sharing Practices and Learning: Looking at

New Extension Education Approaches. **Journal of Agricultural Education and Extension**, v. 15, n. 2, 191-203, 2009. DOI: 10.1080/13892240902909122.

DAGNINO, R. P. **Tecnologia social**: Ferramenta para construir outra sociedade. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Komedi, 2010.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GERGEN, K. J. Pursuing excellence in qualitative inquiry. **Qualitative Psychology**, v. 1, p. 49–60, 2014. DOI: 10.1037/qup0000002.

GERGEN, K. J., JOSSELSON, R.; FREEMAN, M. The promises of qualitative inquiry. **American Psychologist**, v. 70, p. 1–9, 2015. DOI 10.1037/a0038597.

GIL, G. **Raça Humana**. In: GIL, G. Álbum Raça Humana. Gravado em: abril de 1984, estúdios Tuff Gong (Kingston, Jamaica); Record Plant (Nova Iorque, EUA); estúdio Nas Nuvens (Rio de Janeiro, Brasil). Gravadora Warner Music Brasil, lançado em: 29 out. 1984.

GIORGI, A. **The descriptive phenomenological method in psychology**: a modified Husserlian approach. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press. 2009.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory**: Strategies for qualitative research. Chicago, IL: Aldine. 1967.

HARDING, S. After the neutrality ideal: science, politics, and ‘strong objectivity. **Social Research**, v. 59, n. 3, p. 567–87, 1992. Published By: The Johns Hopkins University Press.

HAVERKAMP, B. E. Ethical perspectives on qualitative research in applied psychology. **Journal of Counseling Psychology**, v. 52, p. 146–155, 2005. DOI: 10.1037/0022-0167.52.2.146.

HERNÁNDEZ M. G.; NGUYEN, J.; CASANOVA, S.; SUÁREZ-OROZCO, C.; SAETERMOE C. L. Doing no harm and getting it right: guidelines for ethical research with immigrant communities. **New Dir Child Adolesc Dev**. n. 141, Fall, p. 43-60, 2013. DOI: 10.1002/cad.20042.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRONBERGER, N.; WAGNER, W. Keywords in context: Statistical analysis of text features. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (orgs.). **Qualitative Researching with Text, Image and Sound**. London: Sage, 2000.

KUCKARTZ, U. **Qualitative text analysis**: A a guide to methods, practice and using software. Thousand Oaks, CA: Sage, 2014. DOI: 10.4135/9781446288719.

LEVITT, H. M.; MOTULSKY, S. L.; WERTZ, F. J.; MORROW, S. L.; PONTEROTTO, J. G. Recommendations for designing and reviewing qualitative research in psychology: Promoting methodological integrity. **Qualitative Psychology**, v. 4, n. 1, p. 2–22, 2017. DOI: 10.1037/qup0000082.

LOLIERI, M. A. Reforma do pensamento e da educação. **Cadernos de Pós-graduação**, [S. l.], v. 4, p. 131–138, 2009. DOI: 10.5585/cpg.v4n0.1801.

MCLEOD, J. Qualitative research in counseling and psychotherapy. Thousand Oaks, CA: Sage, 2011.

MOLINER, P. On Serge Moscovici's 95th anniversary: The theory of social representations — history, postulates and dissemination. **RUDN Revista de Psicologia e Pedagogia**, v. 17, n. 3, p. 542–553, 2020. DOI: 10.22363/2313-1683-2020-17-3-542-553.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, E. **Educação e complexidade**: Os sete saberes e outros ensaios. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MORIN, E. **O método 1**: A natureza da natureza. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1977.

MORIN, E. **O método 4**: As ideias. Porto Alegre: Sulina, 1998.

MORROW, S. L. Quality and trustworthiness in qualitative research in counseling psychology. **Journal of Counseling Psychology**, v. 52, p. 250–260, 2005. DOI: 10.1037/0022-0167.52.2.250

MOSCOVICI, S. Toward a theory of conversion behavior. **Advances in Experimental Social Psychology**, v. 13, p. 209–239, 1980. DOI: 10.1016/S0065-2601(08)60133-1.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

MOSCOVICI, S.; ZAVALLONI, M. The group as a polarizer of attitudes. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 12, n. 2, p. 125–135, 1969. DOI: 10.1037/h0027568.

MOSCOVICI, S. Preconditions for explanation in social psychology. **European Journal of Social Psychology**, v.19, n. 5, p. 407–430, 1989. DOI: 10.1002/ejsp.2420190402.

MOSCOVICI, S.; LAGE, E. Studies in social influence: III. Majority versus minority influence in a group. **European Journal of Social Psychology**, v. 6, n. 2, p. 149–174, 1976. DOI: 10.1002/ejsp.2420060202.

OLIVEIRA, J. **Moeda sem efígie**: a crítica de Hans Jonas à ilusão do progresso. Curitiba: Kotter Editorial, 2023.

OLIVEIRA, J.; BORGES, W. **Ética de Gaia**: Estudos de ética socioambiental. São Paulo: Paulus, 2008.

PONTEROTTO, J. G. Qualitative research in counseling psychology: a primer on research paradigms and philosophy of science. **Journal of Counseling Psychology**, v. 52, p. 126–136, 2005. DOI: 10.1037/0022-0167.52.2.126.

POZZI, C. E. Repensamento epistemológico do direito e seus outros-mares: reconhecimento e inserção das práticas de pluri parentalidade nas famílias contemporâneas. Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM. Congresso. **Anais** [...]. 2010. Disponível em : https://ibdfam.org.br/_img/congressos/anais/228.pdf Acesso em 20/mai/2025

RENNIE, M. D. Health Education Models and Food Hygiene Education. **Perspectives in Public Health**, v. 115, n. 2, 1995, p. 75-79, 1995. DOI: 10.1177/146642409511500203

ROHWER, D. **Designing ex post facto and experimental studies**. 2. ed. New York: Routledge, 2022. eBook ISBN: 9781003057703.

SANTOS, B. de S. Direito e democracia: A reforma global da justiça. In: PUREZA, J.;

FERREIRA, A. C. (orgs.). *In A Teia Global*: movimentos sociais e instituições. Porto: Edições Afrontamento, 2002. p. 125–176.

SILVA, A. C. J. da; LIMA, A. F. de; SILVA, B. B.; RAPOSO, J. G., FARIA, M. S. de. **Economia Solidária**: O banco comunitário Jardim Botânico da comunidade do São Rafael. João Pessoa: Ed. CCTA/UFPB, 2015.

SINGER, P. Entrevista com Paul Singer: Economia solidária. **Estudos Avançados**, v. 22, n. 62, abr. 2008. DOI: 10.1590/S0103-40142008000100020.

WERTZ, F. J. The method of eidetic analysis for psychology. In T. F. CLOONAN e C. THIBOUTOT (Eds.): **The redirection of psychology**: essays in honor of Amedeo P. Giorgi (p. 261–278). Montréal, Québec, Canada: L’Université du Québec à Montréal et Rimouski, Le Cercle Interdisciplinaire de Recherches Phénoménologiques. 2010. p. 261–278.